



Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade
Professora orientadora: Denise Moraes

“O Julgamento de Clarice”: curta-metragem
Isadora Wertheimer de Oliveira
12/0003872

Brasília
Novembro de 2015

Universidade de Brasília
Departamento de Audiovisual e Publicidade

“O Julgamento de Clarice”: curta-metragem

Memória e produto apresentados como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Denise Moraes

Brasília
Novembro de 2015

Universidade de Brasília
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Isadora Wertheimer de Oliveira
12/0003872

Projeto experimental aprovado em ___/___/___ para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Audiovisual.

Membros da banca examinadora:

Professora Denise Moraes (Orientadora)

Professora Dácia Ibiapina

Professor Mauricio Fonteles

Professor Wagner Rizzo (Suplente)

Agradecimentos

Agradeço à minha família, em especial aos meus pais pelo amor, companheirismo e apoio constante durante toda essa jornada, e aos meus tios que me ajudaram abrindo sua casa e me acolhendo no Rio de Janeiro diversas vezes para aprimoramento dos meus estudos durante os recessos das aulas.

Sou grata aos meus amigos que me incentivaram desde o início e que estiveram sempre abertos para ouvir meus desabafos. À minha equipe querida pelo comprometimento e por me encorajarem a seguir em frente sabendo que poderia contar sempre com eles até o fim. Sem eles nada disso seria possível.

Muito obrigada aos meus colegas de curso e profissão, que sempre estiveram próximos, unindo forças para realizarmos nossos projetos e concluirmos nosso curso com louvor.

Agradeço à professora Denise Moraes por toda a disponibilidade, paciência e orientação durante esse período tão desafiador, assim como aos professores Mauricio Fonteles, Dácia Ibiapina e Wagner Rizzo pela participação na banca e a todos os professores da FAC que me guiaram até aqui.

Por fim, agradeço ao pessoal da técnica da FAC e também aos da Secretária e SAA pela paciência, gentileza e confiança durante tantos anos.

Obrigada a todos.

Trabalhamos no escuro, fazemos o que podemos, damos o que temos.
Nossa dúvida é nossa paixão e nossa paixão é nossa tarefa. O resto é
loucura da arte.

(JAMES, Henry. The Middle Years. 1893)

Resumo

“O Julgamento de Clarice: curta-metragem” é a memória escrita do processo de realização do curta-metragem de ficção “O Julgamento de Clarice”, projeto de conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual, na Universidade de Brasília. Nesta memória, procuro apresentar todas as etapas do processo de realização do produto audiovisual, incluindo todos os desafios, e como isso repercute na minha trajetória na produção audiovisual. Proponho a exposição e aprofundamento das motivações pessoais para o projeto e do desafio das tomadas de decisão durante o processo, sob a minha ótica, no papel da direção cinematográfica.

Palavras-chave: curta-metragem; ficção; direção

Abstract

"O Julgamento de Clarice: curta-metragem" is the memory writing process of realization of short fiction film "O Julgamento de Clarice", held as project completion of the Social Communication course with specialization in Audiovisual at the Universidade de Brasília. In this memory, I try to present all the stages of the realization process of audiovisual product, including all the challenges, and how it resonates in my career in audiovisual production. I propose exposure and deepening of the personal motivations for the project and the challenges of decision making during the process, in my point of view, at the role of film direction.

Keywords: short film; fiction; direction

Sumário

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. Introdução..... | 10 |
| 2. Problema de Pesquisa..... | 11 |
| 3. Justificativa..... | 12 |
| 4. Objetivos..... | 13 |
| 5. A idéia..... | 13 |
| 6. Sobre o roteiro..... | 14 |
| 7. Sinopse..... | 16 |
| 8. Perfil dos personagens..... | 16 |
| a. Sobre a Clarice..... | 17 |
| b. Sobre o João..... | 18 |
| c. Sobre Dona Maria Conceição..... | 18 |
| d. Sobre Dr. José Carlos..... | 18 |
| 9. Casting..... | 18 |
| 10. Preparação do elenco..... | 20 |
| 11. Desenvolvimento da equipe..... | 22 |
| 12. Desafios de produção..... | 23 |
| 13. Sobre a direção..... | 25 |
| 14. Proposta de fotografia..... | 27 |
| 15. Direção e arte..... | 30 |
| a. Paleta de Cor..... | 30 |
| b. Cenário..... | 31 |
| c. Maquiagem e Figurino..... | 31 |
| 16. Direção e som..... | 32 |
| 17. Montagem..... | 32 |
| 18. Conclusão..... | 33 |
| 19. Referências..... | 35 |
| a. Bibliografia..... | 35 |
| b. Filmografia..... | 35 |
| 20. Anexos | |
| I. Roteiro..... | 36 |
| II. Ficha técnica da equipe..... | 59 |
| III. Relação personagem/cena..... | 60 |
| IV. Relação de locações/cena..... | 61 |

| | |
|---------------------------|----|
| V. Plano de filmagem..... | 62 |
| VI. Orçamento..... | 65 |

1.Introdução

Durante toda minha trajetória na universidade, como aluna de Audiovisual, assumi na maioria das vezes o cargo de diretora dos projetos que executávamos nas disciplinas dos cursos. Um padrão que percebi foi que em todos esses projetos o roteiro era de outros alunos. Cheguei a fazer a primeira versão de “O Julgamento de Clarice” ainda no meio do curso, mas ele logo caiu no esquecimento e foi para a gaveta.

Fazendo uma retrospectiva da minha jornada na FAC, levantei as questões na qual ainda sentia uma carência e percebi que roteiro era uma delas. Decidi que o meu projeto de conclusão de curso era a última oportunidade de focar totalmente em sanar minhas carências antes de embarcar de vez no mercado de trabalho, seria a última oportunidade de ter todo um departamento acadêmico me apoiando nessa busca.

A partir disso, começaram os desafios já na elaboração do roteiro. O tempo e o orçamento falam mais alto na hora de decidir por um tratamento final. Todo o processo criativo de escrita foi bastante sofrido e um tanto desconfortável para o ego. Naquele momento, eu mal sabia quantos outros problemas viriam de uma produção universitária de baixo orçamento.

Nessa memória, abordarei todos os desafios, sucessos e fracassos obtidos no produto audiovisual “O Julgamento de Clarice”, como os superamos e como eles influenciaram a mim e ao resultado obtido.

2. Problema de Pesquisa

Esse projeto visa retratar a dúvida no cotidiano como sentimento caracterizado pela ausência de convicção. Como o ser humano age e reage na existência da dúvida?

Abordar quais as motivações e atitudes geradas pela incerteza ou desconfiança em relação a uma idéia, um fato, uma ação, de uma asserção ou de uma decisão. Até que ponto o homem recusa ou não algo e acusa ou não alguém por não ser possível decidir com certeza?

Proponho também entender quando a dúvida se torna um sentimento paralisante. Além disso, até que ponto o benefício da dúvida nos faz relevar situações, daí o senso comum de “dar uma segunda chance” a algo ou alguém.

3. Justificativa

Proporcionar a experiência de um filme universitário é trabalhar com um baixíssimo orçamento. Durante todo o processo tivemos diversos desafios na parte criativa, logística e de produção. Esse trabalho detalha todos os desafios e soluções encontradas, busca contribuir com a produção acadêmica nos estudos de Comunicação, na área audiovisual e também estimular as produções de baixo orçamento através do compartilhamento da experiência.

Busquei retratar através do drama a temática do cotidiano no cinema, que considero uma jornada arriscada, de captar a emoção e as complexidades do dia a dia. No contexto da pedofilia, com muito respeito, entender e retratar a narrativa contemporânea do cotidiano, com todos os percalços dos erros e acertos da vida diária, retratando a dúvida, sentimento universal, ao apresentar questões relacionadas ao estereótipo, ao pré-julgamento e aos impulsos irracionais.

Em meio às grandes questões políticas, econômicas, tecnológicas e sociais que emolduram o debate sobre a globalização, o cotidiano fica meio à sombra, quase imperceptível, nem espesso, nem transparente, nem espaço só de conservação do local, de tradições pré-modernas, nem só cena de sutil subversão, de reinvenção. Por onde caminham nossas vidas um dia após o outro, por onde elas se fazem ou se deixam fazer? Enfim, o que fazer da vida? Essas questões deixam de ser retóricas e grandiloqüentes para ser algo mais modesto e que sempre volta: o que fazer no dia a dia? (Lopes, 2013, p-5)

4. Objetivos

O objetivo geral desse projeto é retratar a dúvida no cotidiano, levantando questões acerca de pré-julgamento, hesitação e dúvida. Embrenhar no psicológico humano e nas angústias relativas a decisões e posicionamentos.

Mais especificamente, realizar um curta-metragem em formato digital, captação com equipamento profissional e finalização em H264, e posterior inscrição em festivais. Propiciar o contato e a interação entre os universitários da área e fomentar a discussão em busca de inovação. Contribuir com um produto audiovisual de qualidade técnica para o portfólio dos envolvidos além do desenvolvimento de suas aptidões na área.

5. A idéia

Segundo Doc Comparato (2009), uma idéia pode ser selecionada, quando vem da nossa memória ou vivência pessoal; verbalizada, quando vem daquilo que alguém nos conta; lida, ou seja, uma história de jornal, revista ou anúncio; transformada, quando utilizamos a idéia de uma ficção de outra maneira; proposta quando nos é encomendada; e procurada, que é a idéia encontrada por meio de um estudo.

A premissa da minha história veio a partir de uma idéia contada, de uma pessoa próxima à minha mãe. Quando ouvi, tive certeza que dava uma “história de cinema” e fiquei com ela na cabeça. A história contada foi de uma mulher que conheceu um sujeito acusado de pedofilia. Ele foi preso e continuou em contato com ela por correspondência. Pedia livros, pois na cadeia só tinha uma bíblia e ela mandava esses livros.

O desafio maior foi filtrar o que eu queria saber da história real e até onde me basear em fatos reais. A princípio, levei toda a idéia para o papel, o que tornava o retrato do período de pelo menos um ano para ser verossímil. Logo percebi que o formato de curta-metragem dificultaria a construção de uma história com tempo cênico tão longo e sabia que não poderia ignorar a minha situação atual: meu

projeto era um curta-metragem universitário, ou seja, de baixíssimo orçamento e feito com a colaboração dos colegas de curso.

Essas limitações já impuseram um recorte na história, e podendo escolher entre a primeira metade (a mulher conhece o sujeito e descobre que ele é acusado) ou a segunda metade (o sujeito acusado de pedofilia é preso e mantém contato com a mulher), o baixíssimo orçamento me fez pensar como produtora. Um filme policial, de tribunal ou de cadeia me pareceu muito mais complicado e decidi por ficar com o recorte da primeira metade.

Quanto mais refletia sobre a idéia, percebia que não precisava saber mais do que uma *shortline* sobre o fato e que todo o resto poderia ser criado a partir dali. Com isso, toda a minha criação se despreendeu dos fatos reais e acabou tendo características de uma idéia selecionada, pois utilizei bastante da minha memória e vivência pessoal para o desenvolvimento da história.

Tudo que aprendi sobre a natureza humana, aprendi comigo.

(Anton Tchekhov, apud MCKEE, 2013.)

6. Sobre o roteiro

Oportunamente, me inscrevi em um mini-curso com Doc Comparato, idealizador da Casa de Criação da Rede Globo e um dos maiores roteiristas do país, que foi oferecido em Brasília no meio do meu processo criativo, e com isso melhorei minha percepção de macro e micro-estrutura. Fiz várias versões do roteiro e fui para Goiânia, onde fui uma das escolhidas para uma consulta individual gratuita com Leo Garcia no Festival Perro Loco.

Como diz Robert Mckee, certo número de refinamento pode ser necessário até que se atinja o último tratamento. Quando se acha uma falha, raramente conseguimos solucioná-la com uma simples reescrita de diálogo ou comportamento. É necessário voltar ao argumento e refazer as pistas para conseguir ir além da cena falha.

Depois de escolhida a versão final, ainda vieram diversos tratamentos depois de apresentá-lo à minha orientadora e a minha equipe. Por fim, procurei ajuda de

Igor Zeredo, ex-aluno da FAC e roteirista profissional aqui em Brasília, que gentilmente cedeu seu tempo para uma conversa na qual analisamos ponto a ponto o meu roteiro.

Elaboramos uma curva dramática do roteiro e uma escaleta de intenções de cena, para tentar clarear o processo criativo e perceber o que poderia eliminar do roteiro, quais cenas remanejar e a importância de cada personagem em cada cena e na trama como um todo. Além disso, de forma menos metodológica, analisei a micro-estrutura de cada cena, pensando na abertura, ápice e fechamento de cada uma delas.

Agora minha história era sobre uma mulher que recebia um novo colega de trabalho e descobria que ele era acusado de pedofilia. Ela precisa decidir-se entre condená-lo ou não. Essa era a premissa que eu iria desenvolver.

Com isso, defini que o ambiente onde se passa a história era o escritório e assim poderia explorar o cotidiano.

Várias questões surgiram. O filme é sobre pedofilia? Até onde abordar o tema? Na verdade, o filme é sobre a Dúvida. Eu abordo a pedofilia, mas ela se mostra como contexto e não como tema central. Apesar disso, é um assunto muito delicado e me foi aconselhado que eu pesquisasse sobre para entender melhor a profundidade e seriedade do assunto e não cair no erro de retratá-lo de forma simplista ou desrespeitosa.

O filme é sob o ponto de vista de qual personagem? A cada versão, ficava mais claro que eu queria retratar a história sob o ponto de vista de Clarice. O filme se passa quase todo em escritório e poucas vezes vamos para outros ambientes. De qualquer forma, apenas conhecemos os ambientes em que Clarice está, o espectador apenas a acompanha. Não vemos nada do que acontece com os outros personagens longe de Clarice.

Outra dúvida levantada era sobre o espaço de tempo retratado nessa história, uma vez que tinha limitações de produção, de tempo e até mesmo de capacidade técnica. No processo criativo do roteiro, e posteriormente no trabalho de mesa com os atores, definimos que a história tem um tempo cênico de dois meses, no máximo. Isso direcionou muito a definição do perfil e das motivações dos personagens.

No processo de escrita, quando cheguei na cena final me questionei muito sobre o tom que gostaria de dar para o fechamento do curta. Seria um final aberto ou fechado? Um final seco ou melodramático?

Melodrama não é o resultado da expressão excessiva, mas sim de pouca motivação; não de escrever muito grande, mas de escrever com pouco desejo. O poder de um evento só pode ser tão grande quanto a soma total de suas causas. Nós sentimos que a cena é melodramática se não conseguirmos acreditar que a motivação equivale à ação. (Mckee, Robert. 2013. p-347)

Depois de mostrar meu roteiro e debater com algumas pessoas, ficou claro que o final mais seco se mostrou mais interessante, quanto mais melodramático, menos forte e crível se tornava.

7. Sinopse

Elaborei uma sinopse completa, para fins acadêmicos e elaboração do projeto: “Clarice está apaixonada por seu colega de trabalho, João. Os dois dividem a mesma sala e mantêm um relacionamento. Um dia, Clarice descobre que João está sendo acusado por um crime. Ele jura ser inocente, a fofoca se espalha e as pessoas julgam. Ela não sabe de que lado fica e precisa decidir entre condená-lo ou inocentá-lo.”

Além disso, no momento de divulgação do curta-metragem nas redes sociais, percebi que precisava de uma sinopse publicitária, que não revelasse o conflito ou a resolução. A versão para web é: “Clarice está apaixonada por seu colega de trabalho, João. Os dois dividem a mesma sala e mantêm um relacionamento. Clarice descobre um segredo de João e ela precisa decidir entre condená-lo ou inocentá-lo.”

8. Perfil dos personagens

Elaborei um perfil dos personagens para desenvolvimento da história e também como um norte para os atores. Ainda assim, muito do background dos personagens foi criado na preparação do elenco, numa troca bastante democrática com os atores.

a. Sobre Clarice

Hoje ela está um pouco preocupada com a virada para os 30, é solteira e mora sozinha. Ela é formada em letras, mas não sabia muito bem o que fazer com isso, então passou em um concurso e trabalha na Secretária de Educação, em um prédio no centro da cidade, onde gosta muito.

Não é drogada, mas fuma um baseado de vez em quando. Não é religiosa, mas usa sempre o crucifixo que a mãe lhe deu de presente. Seus pais a teriam colocado em um internato se soubessem dos beques que fumou durante a adolescência.

Clarice tem uma visão de mundo bem pequena e vive na zona de conforto. Ela vem de uma família tradicional de classe média e foi criada com valores conservadores do certo e errado, e seu pai detinha a autoridade da casa. Ela não vê razão nessa rigidez e tenta ser uma pessoa de mente aberta.

Ela já teve alguns relacionamentos e uma vez se apaixonou de forma inédita por um cara, a ponto de achar que ia se casar, mas o relacionamento chegou ao fim antes mesmo de noivarem. Clarice é bastante emotiva, mas evita discussões a qualquer custo. Mesmo quando as coisas já estão desandando, entra no jogo de fazer-de-conta. Ela é suave, dócil e carinhosa, por vezes passiva demais.

b. Sobre João

Hoje ele está solteiro. Alto e charmoso, ele é calado, prefere não se expor mas é sempre muito gentil. Professor de Artes do 3º ano, João parece ser como qualquer outro cara comum, um professor do bem, mas ao conhecê-lo melhor vemos que emocionalmente é dissimulado e manipulador. Adora um jogo para ter as pessoas em suas mãos. Muito charmoso, sabe usar todos os códigos de linguagem corporal para conseguir as coisas.

Apesar disso, João é bem frio e não se solidariza, não tem compaixão, nem fica feliz pelo outro, mas por conveniência tenta demonstrar uma afeição pelos próximos.

Sua fraqueza é por crianças e, quando as vê muda completamente, se abre para as brincadeiras.

c. Sobre Dona Maria Conceição

De bem com a vida e com bastante senso de humor, Maria é mãe e avó. Todos os filhos criados, agora ela está curtindo a vida com sensação de missão cumprida. Ela é maternal e religiosa de criação, mas tenta sempre entender as outras gerações e seus hábitos. É a melhor amiga de Clarice, mas sabe que de certa forma também preenche a carencia da falta de uma mãe. Querendo o melhor para a amiga e sempre muito atenta, ela procura abrir os olhos de Clarice e dá um “empurrãozinho” toda vez que Clarice hesita demais em tomar uma decisão.

d. Sobre Dr. José Carlos

Símbolo do equilíbrio e sucesso na repartição. Dr José Carlos é muito profissional e não se deixa levar por fofocas ou emoções em suas decisões. Muito racional, prefere ouvir mais e falar menos. Uma pessoa bastante organizada, que está lá para resolver os problemas.

9. Casting

Um dos requisitos que impus a mim mesma para o meu projeto final era que eu mesma pagasse todos os custos relativos a ele, portanto durante a fase de *casting* eu ainda estava trabalhando em outra produção e tive que conciliar os dois cronogramas.

O elenco dá corpo as palavras e uma boa distribuição de papéis é fator-chave para um bom resultado. Sabendo disso, chamei a Lorena Figueiredo para ser minha produtora de elenco.

Por conta do pouco tempo para a preparação e realização dos testes, decidimos que a melhor opção seria o *casting* por convite para os personagens do elenco principal, ao invés de um *casting* aberto que exigiria divulgação e uma logística maior.

O perfil requerido para Clarice é uma mulher entre 25 e 30 anos, bonita, magra e pequena, que pudesse chegar a um visual mais andrógono, “tomboy” e por

vezes infantil. Para João, procuramos um homem de 25 a 45 anos, não muito musculoso, charmoso mas com algo de estranho, um olhar não “tão galã”. Levantamos vários nomes e portfólios durante duas semanas e fizemos os convites.

Para o papel de Clarice e João fiz uma dinâmica em dupla, com três etapas, todas filmadas. A primeira era uma cena do roteiro com os diálogos decorados na qual, aos poucos, eu ia dando direcionamentos e vendo como eles os executavam. A segunda parte era mais voltada para a personagem de Clarice, um trecho no qual os atores deveriam realizar a cena sem diálogos, mostrando a intenção através da expressão facial e olhares. Fiz ainda uma terceira etapa somente para o personagem do João, na qual coloquei uma música para tocar e pedi para que os atores seduzissem a câmera.

Assim que Gabriela Corrêa e Luiz Felipe Ferreira fizeram o teste, soube que seriam eles os atores para o meu curta. Cheguei em casa e revi todo o material das duas baterias de teste que fizemos e entrei em contato com eles para confirmação.

Também realizamos o teste com algumas atrizes para a personagem da Dona Maria, no mesmo molde de dinâmica em dupla. Porém, o primeiro dia foi bastante frustrante, não tendo visto ninguém que se encaixasse na proposta. O perfil requerido era uma mulher de 50 a 65 anos, jeito maternal e estilo de atuação para a comédia. Um dos nomes levantados foi Cássia Gentile, atriz que já tinha tido a oportunidade de trabalhar em 2013 e que gostei muito da atuação. Com o tempo curto e já conhecendo o trabalho dela de perto, fiz o convite para participar do meu projeto e obtive uma resposta positiva. Com esses três atores definidos, já poderia começar os ensaios pois a maior parte das cenas estavam cobertas.

O *miscasting* pode dar origem a graves problemas. Um ator que não se adapta ao papel prejudica todos os outros atores, desfigura a personagem, faz desaparecer a carga dramática do espetáculo e, como consequência, o conteúdo do roteiro. (Comparato, Doc. 2009. p-236)

Ainda precisava achar alguém para o papel do Chefe e todo o elenco secundário. Minha produtora de elenco estava atarefada com projetos paralelos e eu sabia que, em um projeto acadêmico, onde todos estão trabalhando de graça, as cobranças devem ser proporcionais. Decidimos que era hora de chamar mais alguém para nos ajudar e convidei Deni Moreira para a produção de elenco também.

Chamá-lo para o projeto foi a melhor coisa que fiz, pois ele é estudante de comunicação, ator, professor de teatro e conhece quase todo mundo da cena teatral.

A essa altura, faltavam 3 semanas para o início das filmagens e, como obtivemos sucesso com o convite de Cássia, fiz a mesma coisa para a personagem do Chefe. O perfil exigido era um homem de 40 a 60 anos, cabelo curto e que passasse seriedade. Tentamos com vários atores e suas agendas não eram compatíveis com as datas do projeto.

Eu confio muito na avaliação de Deni Moreira sobre uma boa atuação e, como produtor de elenco, ele me indicou o nome de Bile Zampaulo e disse que seria perfeito para o papel. Eu estava ficando sem tempo e começando a ficar desesperada, então dei o aval e convidamos Bile.

Para o elenco secundário, reservamos uma parte da verba de cachês, porque sabia que mesmo um pagamento simbólico firmava melhor um compromisso de filmagem do que somente a palavra dada. Deni conseguiu fechar todo o elenco secundário em menos de uma semana.

10. Preparação do elenco

Sendo um filme de drama, que se passa majoritariamente em escritório e que tem uma trama muito mais psicológica do que de ação, eu sabia que a carga de importância da atuação era grande. Tenho a sorte de ter um pai, Rogero Torquato, que é formado em artes cênicas pela Faculdade de Arte Dulcina de Moraes, que trabalha como produtor cultural e diretor teatral. É mais difícil achar alguém que tope exercer a função de preparador de elenco de graça para um projeto universitário aqui em Brasília, por isso não pensei duas vezes e lancei mão de todo o apelo familiar para que meu pai me ajudasse com a preparação do meu elenco.

Após o *casting*, tivemos 3 semanas para ensaiar os atores e focamos principalmente no casal protagonista. Separamos os ensaios em três partes. A primeira era a leitura e debate do roteiro, onde aprofundamos as motivações dos personagens e definimos cada vez mais o seu background. Como algumas cenas chegam a ter uma curva dramática de 6 mudanças de intenção, fizemos um intenso trabalho de mesa, mapeando todas as emoções envolvidas. Doc Comparato disse

no curso que ministrou em Brasília, do qual participei, que temos um texto, um subteto e um hipertexto, e nossa missão é compreender e mostrar o que estava além do texto. Já nessa fase, tivemos algumas mudanças nas falas propostas pelos próprios atores.

A segunda parte consistiu nos exercícios de preparação. Para as cenas em que Clarice e João aparecem juntos, explicitiei que precisava aflorar a intimidade entre eles e a dominação de João sobre Clarice. Sabendo que se tratava de cinema e não do teatro, os exercícios propostos foram todos pensados no pequeno, em linguagem de planos e não de palco. Com isso, foram feitos exercícios de olhar, espelho e respiração, com um grande enfoque de consciência corporal e muscular. Para os momentos de escritório, os exercícios propostos foram para valorização da movimentação da cintura para cima, uma vez que em cena eles estariam sempre sentados atrás de suas mesas.

A terceira eram a construção dos personagens e as marcações de cena, pois eu já havia fechado as locações, feito as visitas e definido a *mise en scène*. Marquei vários ensaios onde privilegiava toda a movimentação e também a pontuação da intenção da cena, já discutida anteriormente no trabalho de mesa. Foi um processo intenso e exaustivo.

Cada vez que estudávamos mais o roteiro, percebíamos que ele continha várias nuances e, a cada encontro, eu via os atores esculpindo uma voz, uma movimentação e trejeitos próprios de seu personagem.

Para a personagem de João, pesquisei muito sobre pedofilia e como começa e se desenvolve a tara de um pedófilo. Desenvolvemos com o ator o cinismo, a intenção de fala e pausas que não geram credibilidade, o olhar que gera ambigüidade.

Para a personagem de Clarice, a característica principal era sempre o contido, a tensão muscular, aquilo que queria ser dito mas não era. O sofrimento do silêncio e da dificuldade de tomar qualquer atitude. Através dela que retrataríamos a temática da Dúvida.

A complexidade de algumas cenas tornou necessária um trabalho de confiança nos atores, neles próprios e em mim como diretora, de que eles não se perderiam no meio processo. Eu mandei filmes de referências de atuação para Gabriela e Luis, além de outras referências estéticas do projeto, e sempre dava o feedback de cada nova movimentação, olhar e intenção que eles me apresentavam.

Como diz Michael Rabiger (2007), em geral os atores de cinema não precisam de técnicas específicas de atuação, mas de ajuda competente para se desprenderem da insegurança e poderem ser ao invés de interpretar. Para isso, o diretor deve remover obstáculos, acabar com a tensão e evocar a autenticidade humana.

Fizemos também alguns ensaios das cenas de Clarice, João e Dona Maria, e dois ensaios somente de Clarice e Dona Maria, que fluíram perfeitamente.

Bile Zampaulo entrou faltando uma semana para as filmagens, o que não me preocupou tanto. A personagem do Chefe é muito mais pontual e superficial. Tendo um bom ator, eu precisava apenas da marcação de cena e não de uma preparação. Fiz uma leitura de roteiro, um bate-papo sobre a história e um ensaio das cenas do Chefe e da Clarice, onde marcamos o tom necessário para a personagem. Vendo o resultado na tela, acredito que foi o suficiente.

11. Desenvolvimento da equipe

Comparo a tarefa de escolher uma equipe cinematográfica com a de um técnico de futebol quando escala seus jogadores, pois no futebol existem vários tipos de posições e esquemas táticos, com diferentes formas de se tornar equilibrado, e o técnico precisa escolher os nomes certos para que esse equilíbrio seja mantido e o sucesso alcançado.

Para compor minha equipe, sabia que teria limitações devido a falta de verba, pois todos os envolvidos trabalhariam de graça. Com isso, procurei pessoas que poderiam aceitar o convite por amor ao cinema.

Os nomes em que pensei para as funções diretivas são de pessoas com quem já trabalhei e que já possuem certa experiência e capacidades técnicas. Como são meus amigos e se conhecem entre si, sabia que topariam o projeto também por amizade. Isso trouxe à tona bastante sinergia entre a equipe, o que deixou o andamento do set mais leve e foi bastante energizante em momentos de crise.

É preciso analisar o temperamento de certas pessoas e o senso de compromisso, porque principalmente em um empreendimento de baixo orçamento precisamos do máximo de união. Além disso, maturidade e responsabilidade foram

requisitos indispensáveis nesse processo. A estrutura formal e noção hierárquica também foram aspectos que influenciaram na escolha da equipe.

Para os assistentes, deixei que cada diretor de departamento escolhesse aqueles em quem confiam e com quem preferem trabalhar, mas sempre me dispus a ajudar a encontrar pessoas disponíveis caso fosse necessário.

12. Desafios de produção

Trabalhei durante o ano todo em vários projetos e cheguei a estagiar um tempo para pagar meu trabalho de conclusão de curso. A meta que estabeleci foi de R\$6.000, e consegui o dinheiro. Tendo o dinheiro em mãos, fiquei bastante apreensiva pois não poderia em hipótese alguma estourar o orçamento.

Começamos a pré-produção na última semana de julho, quando já traçamos uma primeira versão do cronograma para que eu pudesse montar uma equipe. Como o filme se passa majoritariamente em escritório, sabíamos que precisaríamos de dois fins de semana ou 3 dias corridos para concluir as filmagens nessa locação. Sabíamos que o feriado do dia 12 de outubro cairia em uma segunda-feira. Estabelecemos que o período de filmagens iria de 3 a 12 de outubro, o que reservaria dois fins de semana dos envolvidos no projeto e confirmaríamos as datas posteriormente, por negociação com a locação. Com isso, teríamos 2 meses de pré-produção.

Em todo projeto universitário existe acumulação de funções, e nesse não seria diferente. Não tenho nenhuma experiência com produção executiva e não me senti a vontade para lidar sozinha com a administração da verba. Com isso, pedi ajuda para a minha diretora de produção, Beatriz Ramos, que praticamente assumiu toda essa responsabilidade, me deixando sempre atualizada de qualquer decisão. A primeira medida que tomamos foi reservar 10% do valor para imprevistos. Feito isso, consultamos os departamentos.

O departamento de arte pediu R\$1.000 para a produção. A princípio nós colocamos no orçamento, mas sabíamos que provavelmente essa verba ia acabar sendo remanejada por conta de outros gastos e foi o que aconteceu. Parte para a alimentação e parte para a fotografia.

Conversando com o fotógrafo, chegamos a uma proposta de fotografia e uma lista de equipamentos que precisávamos. Usaríamos uma iluminação simples, não sendo necessário gastos com eletricista, maquinista ou gerador. Um dos desafios foi que a FAC não dispunha de uma das luzes necessárias para iluminação do escritório. Descobrimos que outra faculdade possuía e tínhamos alunos de lá na nossa equipe. Eles reservaram os equipamentos de lá para que usássemos no nosso projeto e depois percebemos que esse foi um grande erro. Tivemos imprevistos, erros de organização com a reserva dos equipamentos no pré-light e, por ser um projeto de fora, não tínhamos nenhum poder sobre esses equipamentos. Essa dificuldade estava refletindo no cronograma e na agenda dos integrantes da equipe e decidimos alugar essa luz. Fomos na Locadora MovieCenter, tradicional em Brasília e conhecida por ajudar projetos universitários e pedimos apoio. Conseguimos 80% de desconto no equipamento que precisávamos, mas ainda assim arcamos com um gasto a mais. Outro pedido da fotografia foi que filmássemos com a câmera Black Magic, porém o aluguel dela estava fora das possibilidades desse projeto. Acabamos fazendo uma parceria e o produtor e realizador Marcio Moraes nos apoiou e cedeu gentilmente seu equipamento sem custos.

Outra situação que nos surpreendeu foi a dificuldade de apoios de alimentação. Devido a crise financeira pela qual passamos em nosso país, vários estabelecimentos não estão recebendo proposta de apoio. Conseguimos apenas um apoio da tradicional pastelaria Viçosa. O resto tivemos que adaptar ao nosso orçamento.

O cachê dos atores foi simbólico, no valor de R\$50/diária para o elenco principal e R\$30/diária o elenco secundário. Isso já excedeu o planejamento inicial, portanto a figuração não foi paga, sendo composta por amigos.

Sobre as locações, a mais importante e que primeiro conseguimos foi uma sala de escritório e uma de reunião em um prédio da Engenharia Mecânica da UnB. Faltando duas semanas para a nossa produção, esse prédio foi invadido e assaltado. Após esse incidente, proibiram qualquer pessoa que não fosse do curso de circular dentro das dependências do prédio e não houve negociação sobre o nosso projeto nem mesmo com o colegiado. Nesse momento ficamos desesperados, pois achamos que não iríamos conseguir outra locação a tempo e já tínhamos até marcado o pré-light. Fizemos pesquisas de preço para aluguel de escritórios por

diária e, eu e a diretora de produção, lançamos mão de todos os nossos contatos. Acabei conseguindo outro escritório em 3 dias com um grande amigo em troca de um trabalho de audiovisual para a empresa dele, a tempo para o pré light.

Outra locação que consideramos um desafio era a da cena 4. Para essa cena precisávamos fechar uma rua e teríamos dois carros em movimento e duas crianças em cena. Demos entrada em toda a burocracia, segurança e infra-estrutura necessária um mês antes das filmagens. No dia das filmagens, a rua estava fechada no horário, com suporte policial, uma tenda com mesa, cadeiras e isopor, além de dois banheiros químicos e rádios de comunicação entre os carros e a base. Se somarmos, foi a cena mais cara de todo o plano, mas considero a infra-estrutura dessa diária um sucesso para uma produção universitária e muito importante para gerar credibilidade nos nomes envolvidos.

13. Sobre a direção

Trabalhar com um roteiro de minha autoria foi o primeiro desafio que encontrei. Sabendo como o processo de escrita foi intenso e desgastante, eu tive certo apego às minhas cenas. É muito mais difícil trair o roteiro e deixar caírem cenas e planos que tiveram uma gestação criativa considerável. Nessas horas é bom estar aberto para críticas de sua equipe.

Definir que faria um drama e que quase toda a trama se passaria no ambiente do escritório gerou o desafio de amplificar a carga dramática através do mistério e do suspense e, para isso, era necessário o completo domínio da linguagem cinematográfica. Além disso, por se tratar de um filme de cotidiano, não queria deixar todos os momentos tão pesados. O roteiro já indicava, e eu quis manter, um tom de leveza e comédia que sempre vinha a partir da personagem da Dona Maria.

“O Julgamento de Clarice” é um drama/mistério, permeado por momentos leves, com tom de comédia. A proposta estética de um filme de cotidiano induziu o distanciamento do cinema americano e me aproximei mais do cinema europeu. Defini que o melhor seria seguir uma estética mais naturalista. Privilegiei os olhares e emoções muito mais do que a ação, um tempo dramático mais lento e denso,

tomadas mais longas, além de *inserts* do cotidiano da cidade. A *mise en scène* foi outra coisa incessantemente desenvolvida para que o ambiente de escritório não se tornasse entediante.

Por ter a pedofilia como contexto do conflito, decidi abordar situações em que as crianças estão vulneráveis: crianças vendendo balas no sinal, trabalhando em programas televisivos, em parquinhos vazios, etc. Isso se mostraria como uma crítica da direção e também como um elemento perturbador para o personagem. Percebemos que no início da história Clarice não percebe nem se envolver com essas situações, mas depois do ponto de virada isto se torna um elemento que se impõe e que incomoda.

Eu não abordei diretamente e conscientemente questões de gênero e cor mas foi muito mais interessante ter como personagem principal uma mulher. Além disso, Gabriela Corrêa é parda. Essa junção de fatores não planejados acabou por gerar discussões importantes acerca da porcentagem de mulheres protagonizando os filmes e como são os papéis desempenhados por elas no set. Foi um fator determinante para que alguns da equipe abraçassem o projeto.

Os ensaios foram a parte mais tranqüila e agradável de todo o processo, mas com a troca de locação do escritório em cima da hora fiquei apreensiva por conta da *mise en scène*. Os atores estavam com as intenções bastante claras, então para eles a mudança não seria tão considerável. Mas para mim, isso significava mudar também toda a decupagem e o tempo estava muito corrido. Conseguimos adaptar a nova locação para mantermos a mesma disposição e movimentação dos personagens, o que me deixou mais tranqüila.

Ainda em relação à minha conduta com o elenco, tive bastante seriedade em relação à cena de sexo. Perguntei a eles se queriam ensaiar e marcar a cena antecipadamente ou se eu passaria as marcações apenas no dia e eles improvisariam. Eles acabaram por escolher a segunda opção, que eu também achei a mais acertada e essa foi a única cena que não ensaiamos. Anteriormente, eu havia dirigido uma cena de tentativa de estupro em outro projeto, com o mesmo fotógrafo deste, e mostrei a eles o resultado. Tivemos um bate-papo de como foi o planejamento e a preparação e isso deixou os atores mais seguros e confiantes em relação a nós. Para que não restassem dúvidas, mandei a decupagem fotográfica da cena e, no dia das filmagens, fiz equipe reduzida para a gravação da cena. Tudo fluiu tranqüilamente e tivemos um ótimo resultado.

Ouço muito dizer sobre diretores controladores, que centralizam todas as decisões em si mesmos. Uma vez tendo definido o que queria de cada departamento, fizemos reuniões e não tive dificuldades para delegar tarefas. Confiar em sua equipe é um fator essencial para que a produção não se torne neurótica e engessada. Além disso, ter sempre noção de que assim que se escolhe uma equipe, aquele projeto não é mais só seu e sim de todos os envolvidos.

Uma parte que considerei muito difícil de lidar é a necessidade de aprovação. Durante o processo expomos nossas idéias, um estilo e uma visão de mundo. Tudo isso somado ao fato de que seu tempo, seu dinheiro e todos os seus contatos foram apostados nesse projeto. Com isso, começa a pressão em desenvolver algo que desperte a empatia do público. Como diz Michael Rabiger (2007), a concepção e o desenvolvimento da história precisam que você siga livremente sua inspiração, intuição e memória emocional em vez da objetividade e da lógica. Na edição da história, por outro lado, é necessário distanciar-se de ter habilidades analíticas e dramáticas, para saber como estruturar e cadenciar o trabalho para obter o máximo impacto na primeira exibição.

14. Proposta de fotografia

Quando me reuni com o fotógrafo, ele me apresentou uma proposta de fotografia dividida em 6 partes, de acordo com o andamento do roteiro. Nessa proposta havia uma gradação em “clima” geral da cena, contraste, temperatura, luminosidade, enquadramento e técnicas específicas.

Querendo caminhar para uma estética mais naturalista, eu e Marcelo Veras definimos que todas essas mudanças seriam sutis, nos distanciando de algo estilizado propriamente dito.

O que definimos foi:

a. Parte 1 – Apresentação – Cenas 1 a 4

Essa parte inicial do roteiro se caracteriza pela descrição pois apresenta os personagens e ambientes, mostra a rotina de Clarice e deve gerar curiosidade e relação à história. Essas cenas são calmas, quentes, claras e com pouco contraste. Câmera predominantemente fixa.

a. Parte 2 – Envolvimento – Cenas 5 a 9

Essa segunda parte mostra o clima aconchegante da casa de Clarice, além do clima de festa, atração e sexo. A temperatura é de quente a neutra, começamos a adicionar contraste, temos predominância de luzes pontuais e maior desfoque do fundo. Aqui já queríamos introduzir a idéia de agitação, mistério e suspense. Câmera predominantemente fixa.

b. Parte 3 – Mistério – Cenas 10 e 11

As cenas 10 e 11 tem um clima de tensão e incômodo. Elas são contrastadas, a temperatura e a luminosidade são neutras. Além disso, há uma indicação no roteiro de passagem de tempo e decidimos por uma elipse com objetos de cena do próprio ambiente do escritório, ao invés do clichê do relógio (como estava inicialmente no roteiro). Câmera predominantemente fixa.

d. Parte 4 – Conflito – Cenas 12 a 22

Essa parte tem um clima de tensão crescente, começando pela descoberta com agitação e desequilíbrio, passando pela ira com briga, depois pelo desnorteamento e por fim pela dúvida, mistério e reflexão.

Essas cenas devem ser contrastadas, frias, com luminosidade caminhando do neutro para o escuro e possíveis inclinações de câmera e quebras de eixo. Câmera predominantemente fixa, com exceção da cena 18 onde usaríamos também técnica do chicote.

e. Parte 5 - Dúvida/Perdão – Cenas 23 e 24

Essas cenas tem um clima triste, de calma e reflexão. Foi proposto que fossem escuras, de característica contrastada e com uso de quente e frio na mesma cena. Câmera acompanha a *mise en scène*.

f. Parte 6 – Desfecho – Cena 25

Cena final deveria ter clima de tensão, suspense e agitação com fechamento em clima de tristeza. Foi proposto que essa cena fosse fria, contrastada e de luminosidade neutra. Câmera em movimento, uso da técnica do chicote e acompanha a *mise en scène*.

O filme foi predominantemente em câmera na mão, inclusive por uma exigência do ambiente principal, pois no escritório não tínhamos recuo suficiente para pensar em muita maquinaria. Usamos uma BlackMagic, com lentes Canon, e filmamos em ProRes.

Uma questão levantada por Marcelo, foi qual proporção de tela, tendo proposto as janelas de 16:9 e 2,25:1. Decidi usar a 16:9 por ter mais intimidade com essa proporção e por não ter achado nenhum motivo estético para usar outra.

15. Direção e arte

a. Paleta de cores

A paleta de cores teve 3 versões. A primeira é a paleta de cor de Clarice. Composta de tons de vermelho e rosa, gradativamente insere-se verde e amarelo mostarda para gerar desconforto.



A paleta de João tem cores que evocam mistério e masculinidade. É composta de roxo e azuis, mais voltados para o figurino, e verde e amarelo mantendo a proposta de gerar desconforto.



Além disso, foi apresentada a paleta do escritório, contrastando com a proposta quente e forte, do aconchego da casa de Clarice. Cores neutras e claras, sem personalidade ou característica marcante. Deixar as paletas de cor dos personagens em evidência.



b. Cenários

Por ser um projeto de baixo orçamento, usamos os objetos dos próprios ambientes para auxiliar a produção de objetos. Por se tratar de uma estética naturalista e de ambientes bem conhecidos por todos, como o apartamento e o escritório, foi possível produzir usando objetos emprestados de membros da equipe também.

Com o tempo curto, as agendas da equipe de arte com poucos horários livres, vários objetos que pedimos emprestados e ainda a troca da locação do escritório muito próximo as filmagens, a produção de arte dos ambientes acabou por ser feita em blocos. Primeiramente, produziram os objetos e figurino das primeiras 2 diárias, que era a cena da festa e elevadores. Tivemos uma folga, que foi utilizada pelo pessoal da arte para produzir o apartamento que seriam as próximas 2 diárias. Tivemos mais 2 folgas, que foram utilizadas para produzir todos os objetos e figurino das cenas do escritório, que seriam as 3 últimas diárias.

Especialmente no escritório, frisei que precisava de um ambiente para Clarice que se tornasse cada vez mais caótico, a medida que a trama se desenvolvia. Em contraste, a mesa de João não possuía vida, pois ele estava ali só por uma questão burocrática, mas ninguém lhe delegava nenhuma tarefa.

c. Maquiagem e Figurino

Em relação ao personagem da Clarice, mandei as mesmas indicações que havia enviado para a produtora de elenco: realçar a magreza, a fragilidade, o lado infantil e por vezes *tomboy*. O roteiro tinha um indicação de mudança de visual a partir da cena 11, mas a atriz tinha restrições por conta de outro projeto. Ela não poderia cortar nem mudar a cor do cabelo. A arte propôs uma mudança de penteado, mas a partir desse momento essa questão se tornou mais flexível. Em relação ao figurino, decidimos por uma gradação. Ela iria adquirir um visual mais infantil e delicado cada vez mais que se envolvia no conflito.

Para João, o tom era de mistério. Cores sóbrias para o figurino. Como João na verdade não é funcionário de repartição pública, um certo desleixo em suas roupas, como uma camisa não tão bem passada, foram a aposta.

Dona Maria era o personagem que fugia a proposta geral e a paleta principal do filme. Por causa de seu tom cômico, seu figurino é composto por cores fortes, muitas estampas e jóias. Dona Maria foi definida como “a perua do departamento”.

16. Direção e som

A captação do som foi desafiadora em algumas cenas. Na cena 4, da rua, tínhamos um diálogo entre dois personagens com carro em movimento, em plano aberto com a câmera no banco de trás, apontando para o painel. Isso dificultava muito o uso do boom e a presença do técnico de som com seu assistente dentro do carro. Foi preciso colocar lapelas coladas no teto do carro e deixar apenas o assistente operando o boom, enquanto o técnico de som ficava monitorando pela base. A comunicação foi toda feita por rádios.

A locação que mais exigiu da equipe de som foi a escada de emergência, na cena de sexo. Devido ao diálogo, foi necessário fazer todo um isolamento acústico com papelão e caixas de ovos em todo o andar da filmagem, no andar de cima e no debaixo e também a instalação de cobertores na conexão entre os andares, para diminuir o eco. Essa tarefa foi extremamente bem sucedida.

Além disso, o roteiro descrevia uma dança entre o casal protagonista na cena da festa e eu quis providenciar uma música para os atores antes das filmagens. Por questões de produção fiz uma pesquisa de músicas de bandas de Brasília e escolhi uma música da banda Brown-Há, que julguei apropriada. A produção entrou em contato e eles ficaram felizes em ceder os direitos de uso. Essa medida, além de ajudar nos ensaios também ajudou no dia das gravações, pois fizemos alguns *takes* com a música alta e outros com a música baixa para captação dos diálogos. Acredito que a figuração da festa ficou mais coerente uma vez que sabiam o ritmo que deveriam dançar.

17. Montagem

Ao longo do meu trajeto na UnB, pude estar em projetos que eu mesma editei e outros em que tivemos uma pessoa responsável pela montagem. Nesse curta-metragem, como já havia acumulado as funções de roteirista e diretora, achei que era perigoso eu assumir também a montagem. Além de ter muito apego ao material, eu não tinha tanta experiência e, como foi dito anteriormente, considerei que esse era o momento de sanar todas as minhas dúvidas.

Tendo decidido por chamar alguém para a montagem, logo pensei em Ig Uractan. O primeiro set que participei foi um trabalho de conclusão que ele dirigiu na FAC, eu sabia que ele trabalhava com montagem e finalização também e sempre ouvi falar muito bem de seu trabalho. Na verdade, quando fiz o convite não achei que ele aceitaria, uma vez que um projeto universitário não tem muito a oferecer como retorno. Levando o ditado popular de que “perguntar não ofende”, acabou que Ig topou me ajudar.

O processo até a banca foi bastante corrido, pois tínhamos menos de dois meses para definir uma versão para finalizar som e cor. Ig é muito rápido e me mandou os cortes com intervalos curtíssimos.

O primeiro corte era montado exatamente como o roteiro indicava, já para percebermos se a edição pedia outros rumos. Foi muito sofrido assistir o primeiro corte, ainda sem ritmo e força e fiquei um pouco desanimada. Ig aos poucos foi me propondo inversões de cena e possibilidades de flashback. A cada novo corte o filme ia ganhando mais vida.

Acabamos decidindo por uma versão não-linear e, com Ig me incentivando a aproveitar o momento para o experimentalismo, com características de videoclipe e trilha sonora fortemente presente ao longo do filme.

Outro fator desafiador foi manter o discernimento das associações que o público faria ao assistir o filme das associações que eu mesma fazia, pois estas eram mais complexas uma vez que eu já conhecia todo o background dos personagens. Consegui esse discernimento por vezes na pré-produção e no set, mas na ilha de edição ainda percebi algumas situações em que cai no erro de achar que um simples olhar passava uma mensagem muito rebuscada. Nessas horas, ouvir o montador foi essencial.

18. Conclusão

Ser diretora é ser a pessoa que sabe o que quer e que deixa claro isso para a equipe. É trabalhar sob pressão e ter que lidar com uma variedade de temperamentos. É ter em mente um filme detalhado que você dividiu em partes e conduzir o elenco e a equipe para realizar as partes que pensou. As vezes, é também sentir a pressão de ser a primeira pessoa do set a dar uma solução criativa quando surge um problema, o que nem sempre se cumpre. Nessas horas, é essencial ser sincero, humilde e recorrer a sua equipe.

Percebi que desenvolver um projeto audiovisual é praticar o tempo todo o desapego e ter noção clara de que uma vez que a equipe e o elenco estão escolhidos, aquele não é mais um projeto só meu mas de todos e que isso não é um ponto negativo. Pelo contrário, devo agradecer imensamente por ter tido pessoas tão maravilhosas ao meu lado e perceber como os relacionamentos que fazemos na faculdade e no meio cinematográfico devem ser mantidos e parcerias carinhosamente cuidadas.

Tive a experiência de entender o difícil balanço entre realizar minhas intenções autorais e acatar o que aqueles que estão a minha volta dizem. Percebi como, na função de diretora, não poderia me fechar para opiniões e feedbacks da equipe e que devia estar preparada para críticas do elenco e da equipe, assim como dos professores envolvidos nesse projeto.

Pessoalmente, confirmei que o set de filmagem é um ambiente maravilhoso e que terminar um projeto é uma sensação de muito alívio mas também de certa tristeza por ter se acabado. O que tive certeza é que fazer um filme é muito mais do que ter um filme. É vivenciar momentos maravilhosos e estreitar ainda mais a relação com minha equipe e elenco.

Por fim, a realização desse projeto me permitiu entender como funciona o meu processo criativo em todas as etapas de uma produção, de forma tão clara e empírica, e sair da universidade tendo ampliado não só os conhecimentos técnicos mas também o autoconhecimento.

19. Referências

a. Bibliografia

MCGRATH, Alister. Como lidar com a dúvida - Sobre Deus e você mesmo. Ed. Ultimato, 2006.

FERNANDES, Antônio Teixeira. O problema da dúvida na busca pelo conhecimento.

CRUZ, Carlos. Para além de qualquer dúvida. Ed. Vogais, 2012.

LOPES, Denílson. Efeito Ozu: O cotidiano (global) / O Efeito Ozu; Em Busca de um outro Cotidiano. Pós-graduação, ECO UFRJ. 2013.

COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro. Ed. Rocco, 1995.

DE FARIAS, Francisco Ramos. O dinheiro no sintoma e a dívida da dúvida: memórias de uma existência. Pós-graduação, UFRJ. 2011.

RABIGER, Michael. Direção de Cinema – Técnicas e Estética. Ed. Campus Editora, 2007.

FIELD, Syd. Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Ed. Objetiva, 2001.

MCKEE, Robert. Story – Substância, estrutura, estilo. Ed. Arte e Letra, 2006.

PEREIRA, Zacarias Pires. Descartes: a dúvida metódica como caminho para a certeza. Revista Pandora Brasil – Número 57, Agosto de 2013.

b. Filmografia

KECHICHE, Abdellatif. La Vie D'adèle. 2013. França.

GONZALES, Alejandro. 21 Gramas. 2003. EUA.

BARRETO, Bruno. Flores raras. 2013. Brasil.

FINCHER, David. Gone Girl. 2014. EUA.

CANTET, Laurent. Entre les murs. 2008. França.

Anexo I - Roteiro

"O Julgamento de Clarice"
Um roteiro
de
Isadora Wertheimer

Copyright 2015 por Isadora Wertheimer
61 92657767 | 61 34438617
isadora_wertheimer@hotmail.com
Todos os direitos reservados

FADE IN:

1. INT. CASA DE CLARISSE - SALA/COPA - MANHÃ

Vemos o rosto de CLARICE, 29 anos. Ela pega um batom e abre, ele é avermelhado. Abre outro batom, rosado, e passa na boca. Entram os CRÉDITOS INICIAIS. Clarice está com uma camisa social, que tem um leve decote que deixa a mostra seu pequeno crucifixo.

A sala é pequena, arrumada, com um sofá de 2 lugares. Mais ao lado tem uma mesa de canto com uma estatueta de gato no centro, um cinzeiro e seda, e duas cadeiras, vasos de plantas espalhados pela sala e uma estante com livros. Mais ao fundo, tem a copa, bem arrumadinha também. O café borbulha na cafeteira elétrica.

Na copa, Clarice dá uma mordida na torrada e toma um gole de café. Sai com a torrada na mão e bate a porta.

2. INT. PRÉDIO DA SECRETARIA/ELEVADOR - MANHÃ

Em um prédio de escritórios, no centro da cidade, Clarice pega o elevador.

Ela passa a mão no corpo, alisando a blusa, percebe uma migalha e tira. Ela passa a mão no cabelo, ajeitando-o. Por fim, passa os dedos no crucifixo.

3. INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ

Clarice passa pelo corredor do café e chega em uma sala. Na porta vemos a PLACA "SEC. DE EDUCAÇÃO". Clarice leva a chave a maçaneta, mas percebe que a porta está destrancada. Ela abre a porta e vê duas mesas com computadores dividindo o escritório, um locker e uma impressora/copiadora profissional antiga e enorme no canto, com uma estante e um enorme relógio ao lado.

Um CARA de 30 e poucos anos está sentado em uma das mesas. Atrás dele, tem um pequeno crucifixo na parede. Clarice entra.

CLARICE

Bom dia. Clarice, prazer.

Ele sorri e o chefe, DR. JOSÉ CARLOS, 45 anos, aparece à porta.

DR. JOSÉ CARLOS (sério)
 Clarice, esse é o João.
 Ele foi transferido e vai
 ficar um tempo por aqui, certo?

JOÃO tem um olhar humilde para os dois. Clarice sorri e cumprimenta com a cabeça. DONA MARIA CONCEIÇÃO, 57 anos, amiga de Clarice, aparece na porta segurando um copo de café e assoprando para esfriá-lo, para à porta e interrompe.

D. MARIA (animada)
 Olha minha menina ai! Bom dia!

CLARICE
 Bom dia! Tudo bem?

D. MARIA
 Tudo bem, graças a Deus!

Dr. José Carlos encara D. Maria por um tempo, respira fundo, por fim abre espaço e apresenta João.

DR. JOSÉ CARLOS
 Esse é o João, vai dividir
 a sala com a Clarice.

D. MARIA (desconcertada)
 Ah, oi, tudo bem?
 Clarice, minha filha, vou precisar de uma carona hoje.
 Seria possível?

CLARICE
 Claro!

Ela acena com um joinha e sai apressada para sua sala.

Clarice vai até sua mesa, que tem um porta-retrato com uma foto dela mais nova e de seu irmão ainda criança, ambos de roupa de banho na praia, e ao lado uma caneca cheia de canetas, pendura a bolsa na cadeira e se senta. Ela pega seu celular e manda mensagem para D Maria.

INSERT TEXTO - D. MARIA
 Arrumadinho o novo moço né?

Clarice olha de rabeira para João, que está lendo jornal.

INSERT TEXTO - CLARICE

Gato! Miau!
Mas calado ainda.

INSERT TEXTO - D. MARIA
Seja hospitaleira. RS
Bjs

Clarice ri da mensagem. João vai até a mesa de Clarice e estende a mão para um cumprimento. Ela olha desconcertada, guarda o celular e o cumprimenta de volta.

JOÃO
E ai, Clarice, tudo bem?

Clarice sorri e olha encantada para João.

CLARICE
Tudo bem. Olha, se precisar de alguma coisa ou tiver com alguma dúvida pode me perguntar.

João sorri e aproveita. Ele estende o jornal para Clarice. Ela pega.

JOÃO
Então eu to...
Você já comeu lá?

Clarice inclina sua cadeira de forma a ficar mais longe.

CLARICE
Esse restaurante é novo.
Não comi nao..
É bom?

JOÃO (sedutor)
Não sei. Mas a gente pode descobrir junto. Topa?

Ele, ironicamente, faz um joinha igual de D. Maria e Clarice ri.

4. INT/EXT. CARRO DE CLARICE - FIM DE TARDE

Clarice está dando uma carona para Maria.

D. MARIA (rindo)
Hmmm.. O calado resolveu
abrir a boca então?

CLARICE (achando graça)
Total! Ele é professor de Artes,
dava aula para crianças de 7 anos.

D. MARIA
Ah, é? Legal, adoro criança. Mas se bem que
deve ser difícil lidar com tanto menino!

CLARICE
Não é? (rindo)
Ele foi bem gente boa sabe...

D. MARIA (maliciosa)
E você? Também foi?

Clarice acha graça, passa uma das mãos no cabelo e se olha pelo retrovisor.

D. MARIA
Olha, acho que tá na hora de
você arrumar esse cabelo.
Como você quer arranjar um namorado assim?
Vou te dar o número do Gerson..
(em tom de ordem) Você liga lá e marca!

Elas estão paradas no sinal, e um menino faz acrobacias, enquanto outro pede dinheiro nos carros. Um cara para, conversa com o menino, sorri e lhe dá umas moedas. Clarice acompanha a cena. O outro menino bate na janela, ela volta sua atenção a ele, que pede dinheiro. Ela nega com a cabeça.

5. INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ

Clarice está digitando na frente do computador, seu chefe traz uma pilha de papéis.

DR JOSÉ CARLOS
Clarice, aquele texto do edital de licitação da
compra dos móveis de escritório já tá pronto?

CLARICE
Tá sim. Vou mandar por e-mail agora.

Ele olha para João, que está folheando papéis de uma pasta de couro marrom, não lhe diz nada, olha para o relógio que marca 10h15 e sai da sala. Clarice percebe, acha estranho mas volta ao seu trabalho. Clarice olha no relógio e são 11h, João continua olhando a mesma pasta. Ela olha de rabeira para ele.

O TELEFONE toca em rede, e em ambas as mesas pode ser atendido, João olha para o telefone, depois para Clarice, mas não faz nada. Ela começa a digitar com impaciência e respira fundo. Olha incisivamente para João. Os dois se encaram e este se sente desconcertado ao receber os olhares. Ela espera um pouco e o telefone continua TOCANDO. Clarice, aborrecida, atende o telefone.

CLARICE

Secretaria de Educação, Clarice, bom dia...
Só um minuto que eu vou repassar a ligação.

Clarice desliga o telefone.

CLARICE

Atende da próxima vez.

Ele a encara por um instante.

JOÃO

Desculpa, mas é que não me passaram nada.

Clarice fica desconcertada. João vai até a mesa de Clarice e coloca na mesa dela a pasta de couro, apóia as mãos e a encara sorrindo.

JOÃO (nostálgico)

Eu tava esperando você ter algum tempo,
mas parece que o dia tá puxado.
Esses são desenhos dos meus alunos.

Ele sorri para Clarice. A fúria no olhar dela vai embora. Clarice fica desconcertada, enrubesce e espera. Ele abre cuidadosamente a pasta e tira uma pilha de folhas. Coloca a pilha sobre a mesa, e passa a mão pelas folhas acariciando-as, desdobrando a ponta de uma delas. São folhas com desenhos com traço infantil.

Clarice, encara sem saber o que fazer. Depois ela estende a mão e ele lhe entrega a primeira folha.

JOÃO

Eu decidi guardar alguns..
É um jeito de lembrar sempre deles, foram bem especiais.

Clarice pega o bolo de papéis e vai olhando desenho por desenho. Ela ri e se diverte com a narrativa. Um dos desenhos tem uma família bem distante, com chuva e um sol chorando.

CLARICE

Nossa, que desenho bizarro...

JOÃO

Esse é de um dos meus alunos preferidos.

Só que ele tava sofrendo no meio da confusão dos pais, largado no meio do divórcio. Uma vez, eles até esqueceram o menino na escola. Eu já tava de olho, até acabei levando ele em casa.

Clarice olha com pesar.

CLARICE (lamentando)

Você deve ver cada uma né...

JOÃO

Mas esse menino ganhou a gincana de artes da série dele!

CLARICE

(aproveitando para flertar)

Que bom então que ele tinha um professor gente boa, responsável pra cuidar dele.

João sorri e vê o porta-retrato na mesa de Clarice.

JOÃO (apontando pra foto)

Família?

CLARICE

É. Meus pais, eu com 11 anos e meu irmão peste com... (fazendo os cálculos mentalmente) 7 aninhos.

JOÃO (fixado)

Que gracinha hein..

Bonita família, muito bonita.

E você continua igualzinha, carinha de criança

Clarice acha graça e, nesse momento, entra o ESTAGIÁRIO, 19 anos, com uma correspondência para João.

ESTAGIÁRIO.

Bom dia. João?

JOÃO.

Eu. Brigado cara.

Ele pega o envelope e, de repente, fica sério. O estagiário encara e depois sai. João vai até sua mesa e guarda o envelope na gaveta. Depois tranca.

6. INT. SALA DE CLARICE - NOITE

Clarice está em casa. Na TV, passa um programa de Pequenas Misses, com meninas de 5 anos participando de concursos de beleza, excessivamente maquiadas, vestidas igual bonecas, com saltos, meia-calças, perucas, cílios postiços e dentaduras para disfarçar os dentes faltantes da troca de dentição.

Clarice está toda arrumada, cabelo feito. Ela está sentada no sofá lateralmente, ignorando a TV, com seus pertences enfileirados em sua frente e está arrumando a bolsa para sair, guardando um a um cuidadosamente. Ela pega o batom avermelhado e passa na boca. Seu celular toca.

CLARICE

Oi Maria.. To saindo em 2.
Não, claro que não te esqueci. Tá, beijos.

Clarice levanta, pega o controle e desliga a TV.

7. EXT. ESTACIONAMENTO PRÉDIO D MARIA - NOITE

O carro de Clarice está parado em fila dupla, ela está em pé, apoiada na porta fumando um baseado. Ela olha a vizinhança e depois para cima, observando as janelas do prédio, algumas com luz. D. Maria chega.

CLARICE

Isso é porque tava pronta..

D. Maria vê Clarice fumando, faz uma cara emburrada e abana o ar, como quem não gostou do cheiro.

CLARICE

(irônica, oferecendo o baseado) Aceita?

D. Maria nem responde.

CLARICE

Posso confessar?
Socorro, Maria, eu to afim do João.

D. MARIA

Olha só menina.
Preste bem atenção no que a velha vai falar.
"Socorro" é o caralho.

CLARICE

Putá merda, ele chega com um perfume delicioso de manhã..
Que cara é esse?

D. MARIA

Você tem o telefone dele?

Clarice confirma com a cabeça.

D. MARIA

Pergunta se ele vai pra festa.
Alias, você não é mais menina não, anda logo.

Ela fica pensativa.

CLARICE

Ai Maria, nem é uma festa, feeesta.. E ele deve ir.

D. MARIA

Menina, não adianta enrolar,
se for pra acontecer vai acontecer...
(em tom de ordem) Liga logo pra ele.
E vamos que não quero chegar atrasada.

Clarice entra no carro. D. Maria entra também.

D. MARIA (off)

Joga esse troço fora... E toma uma balinha.
Ninguém precisa saber que você fuma esse negócio horroroso.
Depois fica com fama de maconheira. Deus me livre!

8. INT. HALL DA SEC DE EDUCAÇÃO - NOITE

D. MARIA, Clarice, João e mais 2 colegas estão sentados em um sofá no canto. Ao fundo, uma música está tocando. Todos estão com copos de bebidas na mão. Na mesa de apoio tem vários copos vazios, garrafas e pontas de cigarros. Clarice e João estão bem próximos, com o braço dele encostando no dela. Todos brindam, eles se encaram e viram a bebida. Clarice só bebe um gole.

João se levanta e a puxa para dançar. O clima entre os dois esquenta. Os dois estão bêbados e a tensão sexual vai aumentando. Começa uma outra música e João, sedutoramente, começa a cantar e fazer uma performance para ela, que apenas

sorri e se deixa levar. Ele sussurra no ouvido dela, pega em sua mão e tira ela da festa.

9. INT/ ESCADA DE EMERGENCIA - NOITE

João e Clarice se agarram. João segura sua cabeça, olha nos olhos dela e fala bem próximo.

JOÃO (sussurrando)
É bom ter você por perto.

Ele a abraça e Clarice, bêbada, morre de rir. Ele tampa sua boca para abafar o som. Vários beijos calorosos, ele passa os dedos no seio de Clarice e vai descendo. Ela está com muito tesão. João cheira e beija o pescoço de Clarice e a masturba.

João segura Clarice e leva ela para perto do corrimão.

CLARICE
Não João. Vai com calma...

JOÃO
Shhh.. Calma bebê, a gente só vai brincar, se divertir.

CLARICE
Alguém vai pegar a gente aqui.

JOÃO (sussurrando)
Não vai não. Se você não contar, ninguém vai saber.

João coloca os dedos nos lábios de Clarice. Ele vira ela de costas, abaixa sua calcinha, levanta sua saia, puxa seu quadril pra frente e sua cabeça para baixo, deixando ela apoiada, olhando para o vão das escadas dos andares de baixo. Ele olha para a bunda de Clarice e introduz seu penis. O gemido de Clarice ecoa pelos andares.

10. INT. ESCRITÓRIO - TARDE

Clarice está anotando na agenda, ao seu lado tem uma pilha de processos em cima da mesa. Entra o estagiário, com as correspondências do dia e coloca em cima da mesa de Clarice.

O estagiário sai, Clarice separa as correspondências em duas pilhas e vê o envelope do MP, acha estranho. João entra logo em seguida, com um livro infantil na mão. Clarice se endireita na cadeira e não sabe muito bem o que fazer.

CLARICE
Bom dia!

João coloca sua bolsa e seu livro em cima da mesa.

JOÃO (indiferente)
Bom dia.

Clarice entrega as correspondências de João. Entre elas, João vê um envelope do MP. Ele pega a chave de sua gaveta e quando vai abri-la, percebe que já está aberta. Ele olha arregalado para ela.

CLARICE
Tá tudo certo?

JOÃO (tenso)
Tá tudo certo.. Minha gaveta que já ta aberta.

João guarda o envelope na gaveta e tranca.

CLARICE
Bom, você pode só ter esquecido de trancar né?
Você tá com algum problema?

João está tenso e respira fundo. Ele se recompõe e olha para ela docemente.

JOÃO (hesitante)
Não, ta tudo certo.

Ela o encara por um instante, pensativa. Tenta falar algo, mas não consegue, acha estranho. João senta e faz pose, sorrindo, tentando não demonstrar tensão. Ela o encara. Ele abre o livro e encara as páginas.

JOÃO
Você tem certeza que só eu tenho essa chave?

CLARICE
Acho que sim.

João encara Clarice. Ela espera. João tenta manter a pose, fica constrangido e sai da sala.

JOÃO
Esqueci minha agenda no carro. Já volto.

11. INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ

O celular de João vibra em cima de sua mesa. Ele está fora da sala e Clarice está trabalhando. Clarice está com novo visual a algumas semanas já. Ela encara o celular e se levanta subitamente. Olha para a porta, em dúvida. Ela finalmente decide olhar quem está ligando e quando está próximo, João entra na sala. Ela, sem expressão, apenas pega um grampeador e volta para sua mesa. Ele passa a mão na mão de Clarice no caminho para a mesa e cada um se senta em suas respectivas cadeiras.

12. INT ELEVADOR - MANHÃ

Clarice está no elevador com mais dois colegas, que trabalham em outro andar. Um deles resolve provocar, enquanto o outro apenas observa.

COLEGA 1 - Ricardo
Sabe, pedofilia devia ter pena
de morte no Brasil, não acha Clarice?

Clarice olha e acha estranho.

CLARICE
Eu hein, Ricardo. Não acho nada.

COLEGA 1
Pois é, a gente percebeu que não.
Já que você consegue ficar com
um filho da puta desses na sua sala.

CLARICE (tensa)
Do que você ta falando?

COLEGA 2
Pelo visto você ta mal informada.

Clarice olha arregalada.

COLEGA 1
Se você realmente não sabe, procura saber
melhor o tipo de monstro que você ta andando.

A porta do elevador abre, o colega 1 sai e o colega 2 segura a porta, mas Clarice continua petrificada na parede. O colega 2 sai e a porta do elevador se fecha.

13. INT. SALA DO CHEFE - TARDE

Clarice abre a porta bruscamente sem bater.

CLARICE (ofegante)
O que que ta acontecendo José?

Dr. José Carlos está sentado em sua mesa, lendo algo no computador.

DR JOSÉ CARLOS (assustado)
Porra Clarice, que isso? Que susto.. Porra..

CLARICE (séria)
Que porra é essa de pedofilia?

O chefe respira fundo, junta as mãos em cima da mesa e encara Clarice.

DR JOSÉ CARLOS (hesitante)
Bom.. O teu colega..
Vou falar do jeito mais rápido e indolor.
O teu colega de sala está sendo acusado de pedofilia,
mas as coisas estão bem complicadas agora. Calma ta..

CLARICE (chocada)
Como assim?
Você colocou um pedófilo na minha sala?

DR JOSÉ CARLOS (sério)
Ele não foi condenado ainda, ele é inocente.
Por enquanto, por questões de segurança, só foi possível
tirá-lo da sala de aula e colocá-lo no escritório.

CLARICE (histérica)
O que? Tira ele da minha sala agora.

DR. JOSÉ CARLOS
Não dá. Não tenho mais onde colocar ele.
E isso é confidencial.
Não era para ter vazado essa informação.
Quem te falou isso?
A gente inclusive já tá conversando com o jurídico...

(cont.)

CLARICE
Todo mundo ta sabendo menos eu!
Vocês me enganaram.

Manda embora..

DR. JOSÉ CARLOS

A ordem foi tirá-lo da sala de aula no meio do processo,
mas eu não posso mandar ele pra casa.

Eu vou ver o que eu posso fazer.

Enquanto isso, você vai ter que lidar com isso.

Clarice fica chocada e põe o crucifixo entre os dedos,
apertando contra o peito.

CLARICE (revoltada)

Que absurdo!

Como assim lidar com isso?

Seu chefe olha desolado. Clarice concorda com a cabeça,
furiosa, e sai da sala do chefe batendo a porta.

14. INT CASA DE CLARICE/SALA E BANHEIRO - TARDE

Clarice chega correndo em casa, joga a chave em cima da mesa,
a bolsa no sofá. Anda em círculos, com as mãos no rosto,
respirando rápido. Entra no corredor em direção ao banheiro,
tira seu blazer que fica no chão e desabotoa sua blusa com
velocidade. Ela está ofegante, quase claustrofóbica. Volta pra
sala, olha em volta pensativa e vai para o banheiro de novo.

Ela apóia as mãos na pia e respira fundo, tentando se acalmar.
Ela escova os dentes com força, ofegante. Ela resmungua e solta
barulhos de indignação. Ela escova no fundo da boca com força
e tem ânsia de vômitos. Continua a escovar e vomita na pia.

15. INT. PRÉDIO DA SECRETARIA - MANHÃ

Clarice está esperando o elevador ansiosa e quando a porta
abre, saem um pai com seu filho. Clarice encara perturbada e
só entra quando a porta já está fechando. Ela recosta na
parede do elevador, fecha os olhos e respira fundo.
Subitamente, João entra no elevador também e vai em direção a
ela. Clarice toma um susto.

JOÃO

Ei, ei... Me desculpa. Vamos conversar.

Ele vai se aproximando, ela fecha os olhos, faz sinal para ele
parar.

CLARICE

Pára, pára, pára... Sai fora!

JOÃO

Para você com isso!

CLARICE

Não diz nada, por favor, nada.

JOÃO

Ei, que reação é essa?

Clarice vai para o canto do elevador e fica quase de frente para a parede, de costas para João. Ela aperta o botão do elevador várias vezes com força. A porta do elevador se fecha. João fica de fora.

16. INT. SALA DO CHEFE - MANHÃ

Clarice abre a porta e entra arregalada.

CLARICE (ansiosa)

O senhor acha que ele é culpado?

Dr. José Carlos que estava na frente do computador, toma um susto, respira fundo e olha para ela muito sério.

DR JOSÉ CARLOS

Não se mete nisso, Clarice.

Ela olha angustiada e faz menção de continuar.

CLARICE

O que o senhor sabe sobre o andamento do processo?

DR JOSÉ CARLOS (ríspido)

Clarice, pelo amor de Deus...

Essa conversa tá encerrada. Volta pro seu trabalho por favor.

Clarice o encara por um momento e sai.

17. INT. SALA DE CLARICE - TARDE

Clarice tenta abrir a gaveta de João com rapidez, mas está trancada. Clarice está sozinha na sala. Ela bate na mesa, frustrada.

18. INT. PRÉDIO DA SECRETARIA - TARDE

Do lado de fora do edifício, Clarice está fumando, nervosa. João aparece e tenta acalmá-la.

JOÃO

Ei, ei, ei. Podemos conversar?

CLARICE (entre dentes)

Pedofilia João, puta merda. Pedofilia!

JOÃO

Fala baixo porra! (olhando para os lados)
Eu posso explicar.

CLARICE

Porque você não me contou?

JOÃO

Contar o que? Não tem nada pra contar.

Clarice olha indignada.

CLARICE

Então me responde! Você é culpado?

JOÃO (desesperado)

Claro que não! Porra Clarice!

CLARICE (com raiva)

Você achou que realmente ninguém ia ficar sabendo?

JOÃO

Me desculpa!

Eu queria te contar as coisas.
Eu tentei! Mas como?

CLARICE

Vai embora, João.

Ele pega nela e ela se esquivava, olhando para ele com raiva.

JOÃO (histérico)

Porra Clarice!
Olha, eu sou inocente.

Clarice, chocada, não sabe o que fazer. Ela fica paralisada com o cigarro na mão.

JOÃO

Como você descobriu??

CLARICE

Me deixa em paz!

JOÃO

Foi o teu chefe que contou?

Ele falou o que?

Ele levanta a mão para encostar em seu braço, ela esquiva e sai.

JOÃO (aos gritos)

Já tá todo mundo me condenando. Até você?

Clarice entra no edifício. João chuta a parede.

19. INT. HALL DO PRÉDIO/ ELEVADOR - ENTARDECER

Clarice e D. Maria estão esperando o elevador, apoiadas na parede conversando. D. Maria faz o sinal da cruz.

D. MARIA

Jesus, que pesado.

Zé Carlos devia ter te falado!

CLARICE

É a tal da confidencialidade, mas ele bem que podia ter me dado uma dica!

D. MARIA

Deus me livre. Esse João podia ter ficado na minha sala..

Tem que ir pra cadeia. Monstruoso.

Tomara que queime no fogo do inferno.

Clarice encara a amiga, achando exagero. Olha para frente com cara de aflição. Chega um HOMEM perto delas, aperta o botão do elevador e espera.

20. INT. CASA DE CLARISSE - NOITE

Clarice está de pijamas e cabelos molhados, recostada confortavelmente em seu sofá, assistindo televisão e fumando um baseado. Ela muda de canal e cai em um programa de auditório infantil, com uma criança apresentando.

Ela ia dar um trago, mas para e observa desconfortavelmente o programa. Levanta, apóia o baseado no cinzeiro da mesa e vai até a copa pegar uma água. Volta para a sala, encara com nojo a televisão e desliga.

21. INT. ESCRITÓRIO - TARDE

Clarice vai pegar um café. Três funcionários estão em volta da mesinha, conversando. Uma funcionária vê Clarice chegando, ela sussurra algo para os outros dois. Todos ficam sério de repente. Clarice pega um copo.

FUNCIONÁRIO 2

O café ta bom mas eu preciso voltar pra sala.

FUNCIONÁRIA 1

Depois a gente continua essa conversa.

A funcionária faz um cumprimento de cabeça para Clarice e os três saem. Clarice observa e acha estranho, depois se serve de café. Em seguida, seu chefe passa.

DR JOSÉ CARLOS

Cadê o João?

Clarice faz cara de que não sabe. Ele olha no relógio e logo em seguida João chega.

DR JOSÉ CARLOS

Boa tarde.

JOÃO

Boa tarde Dr. Boa tarde.

DR JOSÉ CARLOS

Ta atrasado, viu.

JOÃO (concordando)

Desculpa, tive um imprevisto agora na hora do almoço, mas eu posso fazer hora extra quando quiser.

Um FUNCIONÁRIO, 50 anos, passa no corredor.

JOÃO

Bom dia.

O funcionário olha com desprezo, não responde e continua. João troca um olhar com Clarice e vai para sua sala. Clarice observa.

DR JOSÉ CARLOS
Coitado, não queria ta na pele dele viu.

O chefe sai e Clarice pega mais café.

22. INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ

Clarice está muito concentrada trabalhando, e João a observa. João manda imprimir um documento na impressora coletiva da sala. Olha para a impressora, que não funciona. Resmunga, e manda imprimir de novo, clicando no mouse com força.

JOÃO
Você esqueceu seu colar de crucifixo hoje.

Clarice olha para ele e leva a mão ao pescoço.

CLARICE
Como você ta?

O documento sai, João busca o papel e volta pra sua mesa.

JOÃO (arrasado)
To ótimo. E você?

CLARICE
Também.

JOÃO
Eu dou aula a mais de 10 anos,
mas já não sei mais como vai
ser minha vida ao fim disso tudo.

Ela o encara pensativa e faz a linha sonsa, usando o computador. Ele guarda o papel na sua gaveta com chave.

JOÃO
Nenhuma escola mais vai me aceitar.

Clarice olha com pena. Ela vai até a impressora buscar outro documento, vê que não tem papel e bufa. D. Maria entra na sala.

JOÃO
Bom dia.

D. Maria ignora.

CLARICE
Bom dia Maria.

Clarice pega um maço de papel na estante ao lado, recarrega a impressora com dificuldade.

D. MARIA
Bom dia Clarice. Ta aqui a pasta que você me pediu.
Vou deixar aqui.

CLARICE
O que tá acontecendo com esse dinossauro?

D. MARIA
Deixa eu lhe ajudar. Vai acabar quebrando isso
e você sabe que pra vir outra são mais 10 anos.

D. Maria recarrega a impressora e logo sai a segunda cópia do documento de João. É um e-ticket de passagem.

D. MARIA
Passagens? Vai viajar menina?

Clarice pega e olha a folha. Clarice estende o papel para João e o encara. Ele pega e olha com cara de derrota. D Maria observa com desconfiada.

D. MARIA
Eu tenho que trabalhar.

D. Maria sai emburrada. Clarice volta para sua mesa.

JOÃO
Eu preciso dar um tempo daqui.

CLARICE
Olha, eu preciso trabalhar. (ficando muito nervosa)
Você não tem o direito de enlouquecer os outros.

23. INT. CASA DE CLARICE - NOITE

INSERT - TEXTO DE JOÃO
Só te peço uma coisa: acredita em mim. <3
Bjs. João.

Clarice está sentada no sofá arrasada, com uma caneca na mão e conversa com D. Maria, que segura um copo de vidro com café.

CLARICE (triste)
Que bom que você veio, precisava conversar.
Eu quero muito ele seja inocente.

D. MARIA (séria)
Ele até pode ser inocente...
Mas pra mim ele é culpado sim! Tem cara de culpado!

CLARICE
Parece que eu to condenando ele antes da própria justiça.

D. MARIA
Mas não dá pra fingir que tá tudo bem.
Ele deve ter dado algum motivo
pra acusarem ele de algo tão serio!

Clarice fica em silencio, concorda com D. Maria, mas se emociona.

D. MARIA (preocupada)
Você tava se apaixonando...
Mas o que é que você vai fazer a respeito?

D. Maria fica pensativa.

24. INT. QUARTO DE CLARICE - NOITE

Clarice está deitada e não consegue dormir. Ela acende o abajur e se revira na cama. Levanta e sai do quarto. Volta com um copo de água, coloca no criado mudo, deita e encara o teto. Ela fica pensativa durante um bom tempo e por fim, desliga o abajur.

25. INT. ESCRITÓRIO - MANHÃ

Clarice está em sua mesa e João usando o computador na dele. Ela fica apreensiva, mas vai até a mesa dele. Ela o encara, nervosa, por um tempo. Ele espera.

CLARICE
Você me contou tudo?

JOÃO

Tudo...
 Não deixa isso abalar a gente.

CLARICE
 "A gente", João?

JOÃO
 Eu não mereço isso. De você não!
 (sussurrando) Eu preciso de você comigo nessa.

Dois policiais chegam acompanhados do chefe de Clarice, arregalado. João levanta bruscamente, chocado. Clarice olha arregalada.

POLICIAL 1
 Por favor, o senhor saia detrás da mesa. O senhor está preso.

JOÃO (indignado)
 Como é que é? Preso por que?

POLICIAL 1
 O senhor ficará em prisão cautelar por tentativa de fuga durante o inquérito.

João olha para Clarice. Ela está chocada encarando João, tenta dizer algo, mas não consegue. O Policial continua a dizer os direitos de João. D. Maria entra correndo e vai até a amiga, olhando para João com ódio. Clarice levanta e faz sinal com as mãos para João de que nada podia fazer e nega com a cabeça. Ele se aproxima dos policiais, que o algemam e olha atordoado para Clarice.

JOÃO
 Como você teve coragem?

D. MARIA
 Para com isso! Ela não fez nada.
 Você é quem fez!

Clarice se sente atingida, D. Maria segura seu ombro. Clarice fecha os olhos e chora. Os policiais saem levando João. Clarice está muito aflita. Ela fica sem ar. D. Maria passa a mão na cabeça de Clarice e a coloca sentada.

CLARICE
 Sai Maria, sai daqui Maria!

D. Maria se afasta e sai da sala.

DR JOSÉ CARLOS
 Bom Clarice, você tira o resto do dia pra descansar.

Amanhã de manhã recomeçamos.

Dr José Carlos sai. Clarice percebe como está sozinha na sala.

FIM

Anexo II – Ficha técnica

Direção: Isadora Wertheimer

Assistente de Direção: Carol Lucena

Continuidade: Bia Ouro Preto e Gustavo Menezes

Preparação de Elenco: Rogero Torquato

Direção de Produção: Beatriz Ramos

Assistentes de Produção: Gustavo Fontele e Dorinha Nascimento

Produção de Elenco: Deni Moreira e Lorena Figueiredo

Direção de Arte: Higor Bontempo e Maria Valente

Produção de Arte: Maria Valente e Jacqueline Pereira

Figurino: Lygia Assunção

Maquiagem: Lygia Assunção, Ana Larissa Batata, Amanda Lavenère e Kami Jacoub

Direção de Fotografia: Marcelo Veras

Assistentes de Fotografia: Guilherme Lopes, Júlia Seabra, Raquel Gonçalves, Lucas Gesser e Hugo Carvalho

Som direto: Roger Troncoso

Assistente de Som: Robson Lucas

Montagem e finalização: Ig Uractan

Sound Design: Roger Troncoso

Identidade Visual: Victor Brasileiro

Still/Making Of: Ana Carolina Nicolau e Júlia Seabra

Anexo III – Relação Personagem/Cena

O Julgamento de Clarice – Análise de cenas por personagens (06.09)

| Personagem | Cenas |
|--|---|
| Clarice | Todas |
| João | 3B, 5, 8, 9, 10, 11, 15, 18, 21, 22, 25 |
| D. Maria | 3B, 4, 7, 8, 19, 22, 23, 25 |
| José Carlos | 3B, 5, 13, 16, 18, 21, 25 |
| Colega 1 e Colega 2 | 8, 14 |
| Estagiário | 5, 10 |
| Menino 1, Menino 2 e Homem | 4 |
| Homem 2 | 19 |
| Pai e Filho | 15 |
| Funcionária, Funcionário 1, Funcionário 2, Funcionário 3 | 21 |
| Policial 1 e Policial 2 | 25 |

Anexo IV – Relação de locações/cena

O Julgamento de Clarice – Análise de cenas por locações (06.09)

| Locação | Cenas |
|-----------------------------------|---|
| Apartamento de Clarice (sala) | 1 (dia) 6 (noite) 20 (noite) 23 (noite) |
| Apartamento de Clarice (banheiro) | 14 (dia) |
| Apartamento de Clarice (quarto) | 24 (noite) |
| Escritório | 3B (dia) 5 (dia) 10 (dia) 11 (dia) 17 (dia) 22 (dia) 25 (dia) |
| Sala do chefe | 13 (dia) 16 (dia) |
| Corredor do café | 3A (dia) 21 (dia) |
| Hall do elevador / Elevador | 2 (dia) 12 (dia) 15 (dia) 19 (dia) |
| Fachada do prédio da Secretaria | 18 (dia) |
| Hall da Secretaria (Festa) | 8 (noite) |
| Escada de Emergência | 9 (noite) |
| Carro de Clarice | 4 (dia) |
| Estacionamento de D. Maria | 7 (noite) |

Anexo VI - Plano de filmagem

Sábado 3/10 - Chegada da equipe às 7h.

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|--------------------------|---|-------------------------------|------------|-----------|--|
| 8 INT/NOITE | Festa, pessoas se divertem e bebem. Clarice e João dançam juntos. | Hotel Saint Morritz, SHN | 3 | 8h – 12h | Clarice; João; D. Maria; Colega 1; Colega 2; Estagiário; Figurantes. |
| Deslocamento 12h – 13h | | | | | |
| 4 EXT/DIA (fim de tarde) | Clarice conversa no carro com D. Maria. | W5 Norte, em frente ao sigma. | 1 | 16h – 19h | Clarice; D. Maria; Menino 1; Menino 2; Homem. |

Domingo 4/10 – Chegada da equipe as 7h

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|--------------------|---|---------------------------------|------------|------------|--|
| 9 INT/NOITE | João e Clarice na escada. | Local: Hotel Saint Morritz, SHN | 3 | 08h – 12h | Clarice; João. |
| Almoço – 12h à 13h | | | | | |
| 15 INT/DIA | Pai e filho saem de elevador. Clarice discute com João. | Hotel Saint Morritz, SHN | 7 | 14h – 16 h | Clarice; João; Pai; Filho. |
| 19 INT/DIA | Clarice e D.Maria conversam em frente ao elevador. | | 9 | 16h – 18h | Clarice; D. Maria; Homem. |
| 12 INT/DIA | Colegas conversam em elevador com Clarice. | | 6 | 18- 20h | Clarice; Colega 1 (Ricardo); Colega 2. |
| 2 INT/DIA | Clarice em elevador acha migalha em roupa. | | 1 | 20h – 21h | Clarice. |

Segunda 5/10 – Produção de Arte do APTO 13h arte deve estar no apartamento.

Terça-Feira 6/10 Chegada da equipe 8h

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|---------------------------------|--|--------------|------------|-----------------|-----------------------|
| 18 EXT/DIA (à tarde) | João e Clarice discutem na fachada da sec. | 710/11 Norte | 8 | 9h – 11h | Clarice; João. |
| Deslocamento e almoço 11h – 13h | | | | | |
| 1 INT/DIA | Clarice se arruma pro Trabalho | 313 Norte | 1 | 14 – 16h | Clarice. |
| 6 INT/NOITE | Clarice vê TV | 313 Norte | 3 | 16:00h – 17:30h | |
| 14 INT/DIA | Clarice escova os dentes e vomita. | 313 Norte | 6 | 17:30 – 19:30 | |

Quarta-Feira 7/10 – Chegada da equipe 13h

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|------------------------------|-------------------------------------|----------------------------|------------|-----------------|-----------------------|
| 24 INT/NOITE (Plano zenital) | Clarice não consegue dormir. | 313 Norte, Sala | 11 | 13h – 15:30h | Clarice. |
| 20 INT/NOITE | Clarice vê TV | | 9 | 15:30h – 17:30h | |
| 23 EXT NOITE | Clarice fuma e conversa com D.Maria | | 3 | 17:30h – 19:30 | Clarice; D. Maria. |
| Jantar 19:30h – 20:30 | | | | | |
| 7 INT/NOITE | Clarice conversa com D.Maria. | 313 Norte (estacionamento) | 11 | 20:30h – 22:30 | Clarice; D. Maria. |

Quinta-Feira 8/10 – Liberar equipamentos de foto para professor UNB.

Sexta-Feira 9/10 – Produção de ARTE

Sexta-Feira 9/10 para Sábado 10/10 – Chegada da equipe às 19h

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|------------|--|--|------------|-----------------|---|
| 3 INT/DIA | Clarice chega ao trabalho, conversa com seu chefe e D. Maria. Conhece João. | Local: Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 1 | 19:30h – 22:00h | Clarice; João; D. Maria; José Carlos; Estagiário. |
| 22 INT/DIA | Clarice e João conversam. D. Maria também. Clarice encontra passagens de João. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 11 | 22:00h – 00:00h | Clarice; João; D. Maria. |

| Pausa e Lanche 0h – 01h | | | | | |
|-------------------------|--|---|---|-----------|---|
| 5 INT/DIA | Clarice e João flertam. João recebe envelope e fica sério. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 2 | 01h – 03h | Clarice; João; José Carlos; Estagiário. |
| 11 INT/DIA | Clarice olha para celular de João e João entra na sala. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 5 | 03h – 5h | Clarice; João. |

Sábado 10/10 para Domingo 11/10 – Chegada da equipe 19h

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|--------------------------|--|---|------------|-----------|--|
| 25 INT/DIA | João é preso. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 12 | 19h-00h | Clarice; João; D. Maria; José Carlos Policial 1; Policial 2. |
| Pausa e Lanche 00h – 01h | | | | | |
| 17 INT/DIA | Clarice tenta abrir gaveta de João. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 7 | 01h – 03h | Clarice. |
| 10 INT/DIA | Clarice conversa com João, ele percebe que sua gaveta está aberta e fica preocupado. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 4 | 3h– 5h | Clarice; João. |

Domingo 11/10 para Segunda-Feira 12/10- – Chegada da equipe 19h

| Cena | Descrição | Local | Dia Cênico | Horário | Personagens na diária |
|----------------------|--|---|------------|-----------|-----------------------|
| 16 INT/DIA | Clarice indaga a seu chefe se João é culpado. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 7 | 20h – 22h | Clarice; José Carlos. |
| 13 INT/DIA | Clarice confronta seu chefe sobre o passado de João. | Escritório, Edifício City Office (Perto da ABC) | 6 | 22h – 00h | Clarice; José Carlos |
| Lanche e Desprodução | | | | | |

Anexo VII - Orçamento

| | | |
|--------------|---|-----------|
| | | |
| Produção | Escritório/Papelaria/Xerox | R\$232,00 |
| | Taxa Detran | R\$178,37 |
| | Aluguel de salão de festas para casting | R\$30,00 |
| | Faxineira p/ limpeza de locação | R\$130,00 |
| | Créditos de celular | R\$35,00 |
| | Banheiros químicos | R\$150,00 |
| | Gasolina | R\$418,00 |
| | | |
| | | |
| Alimentação | Pré-produção | R\$148,00 |
| | Marmitas do set | R\$743,00 |
| | Pizza no set | R\$173,00 |
| | Manutenção | R\$519,59 |
| | | |
| | | |
| Fotografia | Aluguel do monitor | R\$400,00 |
| | Aluguel kinos MovieCenter | R\$500,00 |
| | Lâmpadas de Setlight (4) | R\$34,00 |
| | Cabo do Kino IESB | R\$26,00 |
| | Cartolinas e Adaptadores de tomada | R\$55,70 |
| | | |
| | | |
| Arte | Comida Cenográfica | R\$35,00 |
| | Produção de Objetos | R\$200,00 |
| | Maquiagem | R\$60,00 |
| | | |
| | | |
| Som | Cobertores | R\$46,00 |
| | | |
| | | |
| Pós-produção | HD externo 2TB | R\$450,00 |
| | | |
| | | |
| Elenco | Clarice | R\$350,00 |
| | João | R\$300,00 |
| | Dona Maria | R\$250,00 |

| | | |
|--|-------------------------------|-----------|
| | Dr José Carlos | R\$150,00 |
| | Elenco secundário e figuração | R\$300,00 |
| | TOTAL: R\$ 1.350,00 | |

CUSTO TOTAL: R\$5.913